



**Universidade Federal do Pará**  
**Centro de Ciências Agrárias da UFPA**  
**Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar - NEAF**  
**Programa de Pós-graduação em Agricultura Amazônica -MAFDS**

**Nº 13**

**Faces do Mesmo**

*Celso Aparecido Florêncio*

**2006**

## Faces do Mesmo

*Celso Aparecido Florêncio<sup>1</sup>*

### FACES DO MESMO

**Celso Aparecido Florêncio**

#### RESUMO

O artigo tem intenção de fazer uma reflexão acerca do *discurso*. Na primeira parte procurou-se rastrear o pensamento de Michel Foucault e entender a engenhosa decodificação do discurso e suas relações com o poder feita pelo pensador francês. Na segunda parte, o artigo procura estabelecer uma genealogia do *discurso* acerca do suicídio, sobretudo, como ele se organizou ao longo da formação histórica da chamada cultura ocidental e as “armadilhas” escondidas em seu seio. Foca, finalmente, o deslocamento da fala dos modos de pôr fim à vida humana: percorre agonias, sofrimentos e aflições de intelectuais e artistas suicidas e busca refletir acerca de um certo remorso na forma da histórica relação entre Homem e Natureza e a instalação do *discurso* do suicídio coletivo no mundo contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso; Foucault; suicídio; Natureza; cultura; desenvolvimento sustentável

#### ABSTRACT

The intention of this article is to reflect about the speech. The first part searched to scan the Michel Foucault's thoughts and understand the ingenious decode of the speech and its relationship with the power made by the French thinker. In the second part the article leads to establish a speech genealogy about the suicide, specially, how it was organized itself during the History formation of the western culture and the “trapd” hidden in her breast. Focus, finally, the speech's dislocation of the way of finish the human life: it travels through agonies, suffering and anxiety of suicide intellectuals and artists looks to reflect about a certain remorse in the form of the historic relationship between the Man and the Nature, and the stablishment of the coletive suicide *speech* in the contemporary world.

**KEYWORDS:** speech; Foucault; suicide; Nature; culture; sustainable development

---

1 -Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Araraquara. Especialista em violência contra crianças e adolescentes pelo Laboratório de Estudos da Criança pelo IPUSP, USP. Exerce o cargo de Ouvidor Agrário do INCRA em Marabá (regiões Sul e Sudeste do Estado do Pará) e é Membro Efetivo da Comissão de Conflitos Fundiários do Estado do Pará.

O discurso tem desde há muito tempo sido objeto de reflexões no âmbito da filosofia, da lingüística, do próprio campo, que se pretende autônomo, da “*análise de discursos*”. Esta autonomia, a despeito de insistências, não deve ser levada em consideração nos termos deste trabalho. Deve-se, isto sim, ter uma compreensão de que os discursos se organizam e se “desorganizam” mas sempre buscando nova organização e coerência interna para justificar “certezas” constituídas historicamente. Portanto quem diz sempre o faz a partir de um lugar e uma intenção.

Neste sentido, é importante que se tenha em vista a historicidade do discurso, a sua acomodação às diversas situações para se estabelecer como ato impositivo, ato de verdade e de, quase sempre, em ato de força. Daí a luta pela sua posse, pois, quem se apodera do discurso se apodera do poder e instaura relações assimétricas entre quem profere e quem ouve.

Por isso, não seria prudente construir um campo autônomo da análise do discurso, mas ao contrário promover tentativas de parcerias entre os diversos campos do conhecimento para desvendar as possíveis armadilhas escondidas nas falas de cada púlpito, cada divã, cada palanque, cada livro, cada relato...

Este texto tenta percorrer as trilhas das análises elaboradas por Michel Foucault e outros autores acerca de como emergem determinados discursos em determinadas épocas, como se desfazem e se transformam noutras estruturas aparentemente sólidas, se desfazem novamente e assim, sucessivamente ao longo das transformações históricas. Por exemplo, como emergiu o discurso sobre a loucura, como a definiu a sociedade medieval, como se construiu o discurso da heresia cristã, o discurso da verdade científica, como se construiu e transformou o discurso acerca do suicídio.

Michel Foucault em *A ordem do discurso* causa, até nos leitores mais atentos e experimentados, uma espécie de angústia e aflição que não quer cessar. O autor parece levar-nos a crer que estamos submetidos a uma cela ou a uma teia invisível em que nossos movimentos são, sem percebermos, limitados. O texto parece querer nos sufocar. Por vezes, tem-se a impressão de não haver saída do controle a que todos estamos submetidos. Trata-se de um texto sobre os mecanismos de controles e de poderes dissimulados na sociedade. Mais que isso. Trata-se de alerta, de denúncia, de violência. Uma violência dissimulada, pois não privilegia mais o corpo, o espetáculo público da dor, como também demonstrara, com muita propriedade, em *Vigiar e punir*. A violência, com o advento da modernidade ganhou contornos virtuais, muito

distanciado daquele exemplo emblemático do inconfidente das Minas Gerais. A violência sofisticou-se: tornou-se o Grande Irmão de George Orwell<sup>2</sup> ou a *Matrix*<sup>3</sup>.

Desde o início do texto o autor parece querer nos atemorizar: “suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault – 1996 pp. 8-9)

Foucault propõe, desde logo, que é necessário reconhecermos em nossa sociedade os procedimentos de exclusão que levam os sujeitos à submissão e ao silêncio temeroso. O primeiro e mais evidente é o da **interdição**. O seu campo de ação está centrado, sobretudo, nas esferas da **sexualidade** e da **política**, que imediatamente, se articula ao campo do **desejo** e do **poder**. Aqui há um forte jogo de dissimulação, ou seja, nunca se diz o que realmente se pensa. É onde se situa o exercício da mais temível prática do poder e da dominação.

O autor desloca seu olhar ao redor e vê, ainda que de modo difuso -- mas não menos eficaz – um segundo princípio da exclusão: a da relação de **oposição Razão/Loucura** que persiste – embora se metamorfoseando – desde a Idade Média. “Desde o período medieval (...) o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros. (...) E mesmo que o papel do médico não fosse senão prestar ouvido a uma palavra enfim livre, é sempre na manutenção da censura que a escuta se exerce”.(Foucault - pp.12-13)

Se a oitiva do médico é , neste período, já o exercício do *prejuer*, a formação antecipada da convicção dos desvios da mente do paciente, situação similar ocorrerá com o discurso do cristianismo católico medieval. O discurso da Igreja se estabelecia como verdade e qualquer

---

<sup>2</sup> Orwell, como se sabe, denunciou o regime totalitário de Stálin já na década de 1950, mostrando em sua obra de ficção, *1984*, os complexos e aterrorizantes mecanismos de controle exercidos pelos serviços de inteligência e repressão na U.R.S.S. O fluxo de informações dispostos em **discursos secretos** e ,portanto, sem direito do contraditório ao denunciado, tinha endereço certo: o aparelho repressivo do Estado Os “olhos” multifacetados de Stálin (**The Big Brother**) deslocavam-se nos espaços mais escondidos e alcançavam , continham em celas da Sibéria ou eliminavam os inimigos da Revolução. Ver também *A revolução dos bichos*, alegoria, do exercício de poder entre os animais por meio do discurso dos porcos da *Farm* A propósito, a Antropologia nos ensina que a sujeira, a lama, a pocilga sempre estiveram, no imaginário popular, relacionados à política ou aos políticos. Chico Buarque na música “Cálice” diz, referindo-se, não explicitamente, a um certo Ministro de Estado obeso: “de tanto gorda a porca já não anda(...)”

<sup>3</sup> *Matrix*, apresentou-se nos cinemas como verdadeira denúncia dos modernos sistemas de controles virtuais. O filme leva-nos à reflexão do controle social dissimuladamente espalhados nas câmaras espalhadas nos grandes centros urbanos onde o indivíduo é vigiado sem o saber. Também traz à lembrança as tecnologias implantadas nos condomínios fechados onde, distante do risco das grandes massas empobrecidas e “perigosas” a elite econômica se “protege”, comunica-se entre si, e controla os desajustados ao ritmo veloz da produção e concentração de riquezas Os velhos espaços dos centros urbanos tornaram-se espaços do medo e da violência ; acomodados nos condomínios fechados, de longe , a elite os espreita e os controlam

deslocamento da fala hegemônica era entendido como mancha patológica no espírito e corria o risco de se espalhar rapidamente e alcançar e também adoecer espíritos puros por que obedientes.

Ginzburg (2000), ao analisar um processo da Inquisição instaurado para apurar o que poderia ser um conjunto de idéias heréticas de um pobre moleiro, chamado Menocchio, que mal dominava o código escrito do discurso hegemônico, mostra que todo o inquérito conduzia para a inevitável atribuição de culpa por distanciar-se e contrariar os postulados da *verdade* cristã. O destino de Menocchio estava desde o início traçado. “O chefe supremo dos católicos, o papa em pessoa, Clemente VIII, se inclinava para Menocchio, que se tornara um membro infectado do corpo de Cristo, exigindo sua morte. (...) O cardeal de Santa Severina voltou a atacar: ‘Que Vossa Reverendíssima não falte aos procedimentos no caso daquele camponês da diocese de Concórdia, indiciado por ter negado a virgindade da beatíssima Virgem Maria, a divindade de Cristo, Nosso Senhor, e a providência de Deus, como já lhe escrevi por ordem expressa de Sua Santidade. A jurisdição do Santo Ofício em casos de tamanha importância não pode de modo algum ser posta em dúvida. Assim, execute implacavelmente tudo o que for necessário de acordo com os termos da lei’. Resistir a pressões tão fortes era impossível e depois de pouco tempo Menocchio foi executado” (Ginzburg, 2000- pp 232-233)

Um terceiro sistema de exclusão – dirá Foucault - é apontado lá onde estão as oposições entre o “**verdadeiro**” e o “**falso**”. Tais separações tornam-se instrumentos de controles na medida em que se organizam em torno das contingências históricas. O verdadeiro e o falso, sugere Foucault, são uma moeda de duas faces, que ao sabor do movimento histórico, gira como se fosse um movimento de escolha entre os jogadores. Não obstante, aqui, não se trata de um jogo de brincadeira de crianças que despertam o sorriso cândido e o senso lúdico. Aos perdedores, impõem-se, não raramente, os instrumentos da coerção e da violência.

Nesta arena do verdadeiro e do falso, Foucault parece incomodar-se, particularmente, com a “verdade” que emerge a partir da formação dos instrumentos e do **discurso da Ciência**. Há uma evidente articulação entre o campo do saber científico (de certa vontade específica de saber) com o exercício do poder. A Ciência e a Política, surgem no pensamento de Foucault, do mesmo lado, em uma parceria intestina. Há uma espécie de reprodução (mas agora em forma de denúncia) de Francis Bacon, onde o conhecer é poder.

Instaladas no século das Luzes, a ciência e a filosofia dos iluministas passaram também a organizar o ambiente da verdade, agora contrário aos princípios do pensamento teológico (organizador do período medieval) O discurso se aloja lá junto aos interesses do novo agente político, a burguesia, prestes a assumir o poder a e verdade. A ciência e a racionalidade da

filosofia iluminista instalam o novo paradigma e marcam os que deles se distanciam. Um novo modo de dar contornos à loucura é construído. Em *A história da loucura* Foucault reproduz o que a *Enciclopédia* define o louco: “Afastar-se da razão sem o saber, por estar privado de idéias, é ser *imbecil*; afastar-se da razão, sabendo-o, porque se é escravo de uma paixão violenta, é ser *fraco*; mas afastar-se da razão com confiança, e com firme persuasão de estar obedecendo à razão, é o que constitui, a meu ver, o que chamamos de ser *louco*” (*Enciclopédia*, c.f. Foucault – 2003- p186 itálicos no original).

Mais uma vez não há tempo nem lugar para aquele que se “distancia da razão” (sinônimo de verdade) se pronunciar. O *locus* da loucura, para os imitados na Luz da verdade define-se a partir do próprio interior da razão. Em outras palavras, a loucura é excluída da verdade dos iluministas sem dar ouvidos ao louco. “Então, que é a loucura?” É deduzida de uma análise da doença, sem que o louco fale de si mesmo em sua existência concreta. O século XVIII percebe o louco, mas deduz a loucura”.(Foucault 2003- p. 187)

A análise deste princípio de exclusão – o do verdadeiro e do falso – assenta-se na perspectiva da diacronia, das transformações históricas e, deste modo, há sempre, segundo o autor, um suporte institucional para silenciar “o falso” e franquear a palavra ao “verdadeiro”. Como diz Foucault, há um longo deslocamento dos lugares onde se situam tais oposições. Na Portaria do reitor, no sermão do padre ou do pastor, na fala do professor, no consultório médico, no laudo do agrônomo, na sentença do juiz.

Mas o autor parece inquieto mesmo com duas grandes instituições: os sistemas prisionais (apoiados no discurso da verdade instaurado nas teias da legalidade) e os sistemas de tratamentos psiquiátricos (apoiados nos discursos da Medicina, da Psicologia e, diríamos, da Assistência Social). Parece, então, haver um certo vaso comunicante entre estas duas instituições: o saber psiquiátrico marca nos suportes da burocracia o desvio de comportamento do louco e o imobiliza na camisa de força do hospital psiquiátrico; mas o saber psiquiátrico também marca nos suportes burocráticos a lucidez do criminoso no exercício do delito e, deste modo, o Judiciário o encarcera nas celas do sistema penitenciário.

Foucault demonstra um esforço explicativo a este terceiro processo de exclusão e logo justifica o motivo: “É que, há séculos, os primeiros não cessam de orientar-se em sua direção; é que, cada vez mais, o terceiro procura retomá-los, por sua própria conta para, ao mesmo tempo, modificá-los e fundamentá-los; é que, se os dois primeiros não cessam de tornar mais frágeis, mais incertos na medida em que são agora atravessados pela vontade de verdade, esta, em

contrapartida, não cessa de se reforçar, de se tornar mais profunda e mais incontornável.” (Foucault-1996- p.19)

Mas, diria o autor, há uma relação, aqui inversamente proporcional. Se a relação falso-verdadeiro ocupou um lugar de maior importância como instrumento de controle, é preciso reconhecer, que é dela que menos se pronuncia. Aí é que mora o silêncio. E por que isso? Porque é justamente aí, o lugar de um jogo essencial, isto é, o jogo do *desejo* e do *poder*.

De qualquer modo, eis aí os três elementos de *controle externos* do discurso, cujo epicentro, como dissemos, é o campo do **desejo** e do **poder**.

Não obstante, Foucault identifica, logo em seguida, outros três procedimentos do discurso agora internos - que funcionam como princípios de exclusão. São eles o **comentário, o autor e a disciplina**.

O comentário é, para o autor, os ditos dispersos ou não, mas que, de qualquer maneira, se consolidam como verdades, sem haver, necessariamente, uma categorização absoluta por ordem de suas grandezas. Assim, Foucault afirma que muitos textos de maior porte de nossa cultura – religiosos, jurídicos, literários e científicos – “(...) se confundem e desaparecem e, por vezes, comentários vêm tomar o primeiro lugar”.(p.23). Todavia, é possível afirmar que há uma relação assimétrica entre os **ditos primeiros** (que assumem papéis de matrizes) e os **ditos secundários**; estes podem revestir, fragmentar e modificar aqueles, mas há sempre uma relação de dependência e de repetição. “O desaparecimento radical desse desnivelamento não pode nunca ser senão um jogo, utopia ou angústia. (...) Sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente, e que reaparece sem cessar, em todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos ou dos pensamentos” (p.23, grifo meu).

O segundo princípio de exclusão – que Foucault chama de rarefação de um discurso – está na **autoria**. Embora reconhecendo a existência do “indivíduo-autor”, dirá que a autoria funciona como um princípio de agrupamento que dá unidade, coerência a um conjunto de significações.

O comportamento da autoria não tem as mesmas atribuições em todos os campos dos discursos. Menos ainda se se levar em consideração a disposição do autor na perspectiva histórica. Para Foucault, na Idade Média a autoria do discurso científico era uma exigência pois, dependendo da sua origem, o discurso era tomado como fonte de verdade ou da maldição; a partir da emergência da Ciência Moderna, sobretudo a partir de Bacon e Descartes, lá no século XVII, a autoria torna-se pálida: “o autor só funciona para dar um nome a um teorema, um efeito,

um exemplo, uma síndrome.”(Foucault- 1996 p.27 ). Caminho oposto tomou a produção literária (e diríamos, também, a da produção artística) após o Século das Luzes. Desde aí, “(...) pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome, pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer”.(Foucault 1996 pp. 27-28 ).

Por fim, Foucault indicará **as disciplinas** (não a Razão que funda o conhecimento da Ciência) como outro princípio de limitação do discurso. A disciplina possibilita um processo de criação, mas dentro de um jogo restrito. Dessa maneira, as disciplinas se opõem ao comentário e à autoria, pois tratam-se de uma sistema anônimo de regras, métodos a serem seguidos. Na disciplina não se busca um ponto de partida, como no comentário, mas uma capacidade de formulação de novas proposições indefinidamente. E assim, as disciplinas não esgotam os conteúdos dos objetos de estudo: “medicina não é constituída de tudo o que se pode dizer de verdade sobre a doença; a botânica não pode ser definida pela soma de todas as verdades que concernem às plantas”.(Foucault- p. 31 )

Além disso, as proposições de uma disciplina passam a ter exigência de uma **terminologia hermética** e bem definida; devem incorrer-se dentro de determinados limites teóricos para não se transformar em monstruosidades, como diz o próprio Foucault, numa “teratologia do saber”.

Enfim, as proposições que emergem de uma disciplina devem sempre estar inscritas nos limites – às vezes, muito estreitos --- de uma **Verdade**. Ocorre que tal verdade está inscrita na “verdade” do discurso de sua época. Portanto, a verdade aparece com um certo grau de fluidez, virtuosismo, visto que se *desloca na linha do tempo* e, por vezes, se torna hegemônica em determinadas épocas e se desvanecem noutras. “Mendel dizia a verdade, mas não estava ‘no verdadeiro’ do discurso biológico de sua época: não era segundo tais regras que se constituíam objetos e conceitos biológicos; foi preciso toda uma mudança de escala, o desdobramento de todo um novo plano de objetos na biologia para que Mendel entrasse ‘no verdadeiro’ e suas proposições aparecessem, então, (em boa parte) exatas”.(Foucault -1996p.35)

Foucault vê sempre o jogo das possibilidades do erro “disciplinado” tornar-se verdade. Isso leva à constatação de que a verdade está sempre balizada por uma **polícia discursiva**. É a *disciplina* sempre um princípio do exercício do controle.



Assim, **os comentários, a autoria e as disciplinas** trazem consigo um jogo de aparências, cujo pano de fundo é o do exercício da coerção.

Todavia, a asfixia de *A Ordem do Discurso* segue deixando o leitor cada vez mais cianótico. Foucault identificará, ainda, um terceiro agrupamento de controle dos discursos: **as determinações das condições especiais de seu funcionamento**. Trata-se de uma série de exigências impostas ao “grupo de iniciados”, “Rarefação, desta, dos sujeitos que falam; ninguém entrará na ordem do discurso se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (Foucault-1996, p.37). No divã da psicanalista instaura-se o jogo da assimetria de quem sabe, do iniciado, e do louco, que precisa ainda “fazer saber”.

Neste caminho, o autor vê como forma mais superficial, mais visível, também, um conjunto de movimentos que pode ser chamado de ritual; ritual que define as qualidades dos que têm direito a ter o exercício da fala. São visíveis os locais mais próprios para esse tipo de exercício coercitivo: as sociedades “secretas” de discurso.

Embora enfraquecidas ao longo do tempo, tais sociedades parecem que passaram por processos de transfigurações, pois mesmo livre de tais “sociedades secretas” se exercem, ainda, a apropriação do segredo e de uma não permutabilidade, de uma não possibilidade da fluência do discurso. A coerção persiste. “(...) existem ainda muitas outras que funcionam de outra maneira, conforme outro regime de exclusividade e divulgação: lembremos o segredo técnico ou científico, as formas de difusão e de circulação do discurso médico, os que se apropriam do discurso econômico ou político”.(p.41- grifos meus)

A um olhar preso a certos graus de miopia, as doutrinas religiosas, políticas ou filosóficas, aparentemente se opõem aos recursos da restrição acima citados. Haveria, neste olhar míope, um desejo e um esforço para que seus discursos fossem soltos ao vento para ganharem o máximo de expansão.

Entretanto, mais uma vez Foucault parece fortalecer o nó que asfixia o leitor. A bem da verdade, dirá, também as doutrinas restringem os indivíduos e os forçam a se ligarem a quaisquer outras doutrinas. Assim, são também cerceadores e promovem a sujeição dos sujeitos. “A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam” (Foucault-1996 p.43)

Seguindo a análise, Foucault dá um sinal de esperança ao leitor ao lembrar que talvez na educação se encontre um sistema onde os sujeitos pudessem ter acesso a qualquer tipo de

discurso. Contudo, a esperança, aqui, não foi a última a morrer e a distribuir a tristeza aos educadores. E por que o ambiente de velório? A resposta é: a educação também instaurou um campo de lutas pela **hegemonia do discurso**, pois “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que trazem consigo”.(p.44)

Eis, portanto, os grandes campos de sujeição dos discursos, que não podem ser vistos de forma fragmentada, e muito menos dissociados uns dos outros.

Foucault propõe, então, outra questão (aprofundando o sentimento de **aflição** do leitor): os próprios temas da filosofia também não estabelecem jogos de limitação e de exclusão e, por vezes, não podem eles até reforçá-los?

Assim, para desespero daqueles que vêm nódoas estruturalistas – e, portanto da “árida sincronia”, diriam os marxistas açodados - em suas reflexões, Foucault irá voltar seus olhos para a *história* do pensamento para verificar os deslocamentos do discurso filosófico. Dirá, então, que após o século V a.C, isto é, com a democracia ateniense e com o enxotamento dos sofistas – os gregos cuidaram para que o discurso fosse o resultado do estreitamento entre o pensamento e a palavra; haveria uma certa identidade entre o pensamento e a fala. Embora o autor não diga, não seria este estreitamento entre pensar e falar o que pensa que teria levado Sócrates ao cálice da cicuta? Não teria sido este o mesmo destino tomado por Giordano Bruno? Rosa Luxemburg não teria sido vítima de seu discurso? Martin Luther King não se “pôs em silêncio” por que proferiu o memorável “**I have a Dream**”?

O que aconteceu de fato com o que o autor chama de “elisão da realidade do discurso no pensamento filosófico” (Foucault-1996p. 46) foi uma série de transformações perfeitamente possíveis de serem encontradas em muitos temas. Uma delas é a do sujeito fundante. Este sujeito é que “(...) atravessando a espessura ou a inércia das coisas vazias, reaprende, na intuição, o sentido que aí se encontra depositado; é ele igualmente que, para além do tempo, funda horizontes de significações que a história não terá senão de explicar em seguida, e onde as proposições, as ciências, os conjuntos dedutivos encontrarão, afinal, seu fundamento”.(p.47).

Outro tema que, segundo Foucault, é análogo ao primeiro é o da experiência originária. Este também impõe um “saber” e uma forma de verdade, como uma espécie de reconhecimento primitivo. Haveria aí, o que o autor chama de uma “cumplicidade primeira” que, por meio de um jogo de designações, nomeações, etc. torná-la-ia *verdade*.

Por fim, também o tema da mediação universal promove a elisão da realidade do discurso. Assim, dirá Foucault, “(...) é o discurso ele próprio que se situa no centro da especulação. Mas este *logos*, na verdade, não é senão um discurso já pronunciado, ou antes, são as coisas mesmas e os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência”.(Foucault-1996-pp. 48 –49 )

Foucault parece ir concluindo suas reflexões deixando escapar - como uma fumaça leve que corre por entre nossos dedos, lembrando, aqui, o poema da triste Florbela Espanca - uma espécie de desalento, e uma vontade de fuga para lugar algum. Há uma certeza em nossa sociedade – e também noutras diz Foucault – da existência de vários jogos de interdições, controles, supressões, coerções, perigos e violências num “(...) grande zumbido incessante e desordenado do discurso” (Foucault-1996-p.50).

Assim, parece ir se formando um mundo para o pensador francês, onde há uma grande conspiração a mover a História. É possível mesmo, lembrando de uma expressão de Norberto Bobbio, ter a impressão que Foucault traz consigo uma interpretação terrorista da História.

Sérgio Paulo Rouanet, em *As Razões do Iluminismo*, na mais pura tradição da Escola de Frankfurt, afirma que Foucault situa-se na tradição do pensamento que lê a sociedade com olhos da Razão. Não há espaço, em Foucault, para irracionalismos que nos guiam ao desespero de certos **pós-modernismos**, que sequer está conceitualmente bem iluminado. Se há um diagnóstico de um sistema de aprisionamento, interdições, coerções e violências impostos por certas ordens de discursos, há também tentativas de resistências, esforços para sair das prisões e de projeções sombrias das da caverna, como propunha Platão, no Capítulo VII de a *República*. Foucault parece situar-se na mais forte família dos “crentes” na força e na **criatividade da razão** e na mais forte tradição de um humanismo que quer emancipar-se.

O rompimento com as coerções do discurso necessita de esforços efetivos para, em primeiro lugar, questionar nossa vontade de verdade; em segundo lugar, restituir ao discurso o caráter de questionamento; por fim, superar a soberba do significante. A questão imediata é: como operar esses três movimentos?

Foucault propõe, então, de pronto, uma readequação de métodos. É necessário estabelecer um **princípio da inversão**, como por exemplo: no papel positivo do autor ver a sua negatividade. Torna-se imperioso o estabelecimento do **princípio da descontinuidade**, isto é, os discursos devem ser vistos como práticas descontínuas, que se ignoram e, por vezes, se excluem. Necessário, também, é ver no discurso as suas **singularidades**. “Deve-se conceber o discurso

como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade”.(p.53). É preciso, ainda, perseguir o caminho do centro do discurso para sua exterioridade. “(...) a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras”.(p. 53).

Quatro noções, portanto, emergem como “princípios reguladores” – a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, e de condição de possibilidade - da análise que, praticamente, dominaram a história das idéias “(...) onde, de comum acordo, se procurava o ponto da criação, a unidade de uma obra, de uma época ou de um tema, a marca da originalidade individual e o tesouro indefinido das significações”.(p.54). Foucault ainda põe em dúvida se a moderna historiografia (a de longa duração, inaugurada pela Escola dos Anais, no início da década de 1930) se afastou, de fato do particular, da regularidade, da causalidade, da descontinuidade, da dependência e da transformação.

O autor propõe uma análise disposta em dois conjuntos: **o crítico e o genealógico**. O primeiro poderia tratar da função da exclusão, (como por exemplo, na relação loucura–razão), da interdição da linguagem e da temática da sexualidade na medicina e psiquiatria. Na genealogia, o ponto de partida estaria em como se formam as séries discursivas; qual foi a forma específica de cada uma, das quais formaram suas condições de aparição, de crescimento e de variação.

Há *tarefas distintas* (mas evidentemente complementares) na perspectiva da análise crítica e na perspectiva da análise genealógica. À primeira caberia o cuidado de evidenciar as instâncias de controle e da análise das regularidades discursivas. À segunda, caberia a tarefa de definir os limites que interferem nas formações reais. “A parte crítica da análise liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; procura detectar, destacar esses princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso. (...) A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas. (Foucault-1996 pp. 60-70).

Seguindo, então as trilhas de Foucault, buscar-se-á, a seguir, uma certa genealogia, agora, direcionada a um dos discursos constituidor e ainda constituinte de uma hegemonia na chamada cultura ocidental e que oculta armadilhas aos menos avisados.

## Discurso e Suicídio

O suicida é o homicida de si mesmo. Certo? A resposta a esta questão parece simples à primeira vista. Mas se ajustamos o foco logo percebemos uma contradição de termos na medida que o homicídio pressupõe, agressor e vítima, portanto há uma dualidade neste fenômeno. A aparente tergiversação esconde uma das concepções mais importante acerca do discurso sobre pensamento liberal, inaugurado no século XVIII, e seu principal fundamento, a propriedade. John Locke ao justificar o direito de propriedade e a liberdade individual estabelece que terá direito ao *locus* do poder quem tem capacidade para adquirir propriedade e que, a primeira dada pela Natureza, é nosso próprio corpo. Então parece não haver dúvida que há duas dimensões postas por Locke: o corpo conjunto de músculos, ossos, etc, é algo distinto de nós e então, está à nossa disposição.”Locke usa o conceito de propriedade num sentido muito amplo: ‘tudo o que pertence’ a cada indivíduo, ou seja, sua vida, sua liberdade e seus bens (...) Assim, a primeira coisa que um homem possui é o seu corpo; todo homem é proprietário de si mesmo e de suas capacidades. O trabalho de seu corpo é propriamente dele; portanto, o trabalho dá início ao direito de propriedade em sentido estrito (bens, patrimônio). Isso significa que, na concepção de Locke, todos são proprietários: mesmo quem não possui bens é proprietário de sua vida, de seu corpo, de seu trabalho.”(Aranha e Martins – 1997-p.196).

A fala do filósofo - ainda que não premeditada, pois é preciso ajustar o discurso à sua época, à vontade de pôr abaixo o Antigo Regime – traz consigo a armadilha construída pela burguesia que chegava ao exercício do poder político por que também se apossava da razão, sinônimo de nova Verdade. “Quando se interpreta a propriedade para proteção da qual os seres ingressam na sociedade civil como se tratando de vida, liberdade e posses, todos os indivíduos (exceto os escravos) estão qualificados para a cidadania; quando se interpreta como sendo bens ou fortuna, então apenas seus possuidores estão qualificados”. Todos, tendo ou não propriedade, no sentido comum, estão incluídos [na sociedade civil], como interessados na preservação das próprias vidas e liberdades. Ao mesmo tempo, apenas os que têm ‘fortuna’ podem ter plena cidadania, por duas razões: apenas esses têm pleno interesse na **preservação de vida racional** – aquele compromisso voluntário para com a **lei da razão** – que é necessária para a plena participação na sociedade civil. A classe operária, não tendo fortunas está submetida à sociedade civil, mas dela não faz parte “(Macpherson, 1979-pp. 259-260, negritos nossos).

Veremos, não obstante, que esta dualidade não dará crédito, ao discurso de defesa do suicídio. O corpo é a primeira propriedade, a partir da qual os homens de talento poderão alcançar as demais. O discurso do Século da Luzes é aquele que se organiza para laicizar e censurar o suicida. Entretanto, nem sempre foi assim e nem o será em tempos seguintes.

Em *O Deus Selvagem - Um estudo do suicídio* (Alvarez-1999) o autor percorre a fala acerca do suicídio do ponto de vista da literatura e relaciona a ela o contexto de onde emerge e procura mostrar que lá onde nasce a verdade se esconde o poder.”Enforcaram um homem que tinha cortado a própria garganta, mas que fora trazido de volta à vida. Enforcaram-no por ter cometido suicídio. O médico avisa que seria impossível enforcá-lo, pois o rasgo na garganta abriria e o homem então respiraria pela abertura. Porém não lhe deram ouvidos, e puseram o homem no laço. A ferida do pescoço abriu imediatamente, e o homem voltou à vida novamente, embora estivesse enforcado. Levou tempo para convocarem os magistrados para que decidissem a questão do que deveria ser feito. Por fim, os magistrados se juntaram e cingiram-lhe o pescoço abaixo da ferida *até que o homem morresse*. Ah, minha Mary, que sociedade louca e que civilização estúpida”(Ogarev,N. c.f. – Álvares-1999 –p. 59, itálico no original). O fato se passa em 1860 e esta era a fala londrina seguindo a velha tradição do cristianismo católico europeu, para quem o suicida, desde o período medieval, foi considerado um ser mais desprezível que o pior dos criminosos.

O autor, agindo ao modo de Foucault, se põe então a exercitar uma certa arqueologia do discurso católico para o suicídio e trará à superfície informações que podem causar espantos naqueles menos avisados. Segundo Alvarez a Igreja teve que fazer muitos esforços para racionalizar a condenação do suicídio por que nem mesmo nos livros que dão suportes à fé cristã, o Velho e Novo Testamentos, indicam acusações e condenações de suicidas. Pelo contrário, o Antigo Testamento registra quatro suicídios, o de Sansão, o de Saul, Abimelec e Aquitofelsem nenhuma censura.(Alvarez-1999 – p.64). Até mesmo Jesus Cristo chegou a ser visto por personalidades importantes da fé cristã como um suicida, pois teria dispensado a generosidade de Deus Pai todo poderoso e se submetido à lei da carne.”Daí o comentário de John Donne em *Biathanatos*, a primeira defesa formal do suicídio escrita em língua inglesa:’Nosso abençoado Salvador [...] escolheu essa forma para a nossa Redenção, escolheu sacrificar sua vida e oferecer o seu sangue”.(Alvarez, 1999-p.64) Aliás, os primeiros cristãos, jogados aos leões na arena, assimilaram , muitos deles, como bravura a morte em nome da doutrina.

A Igreja tratará o suicídio como crime apenas no século VI e contou como justificativa apenas o mandamento “não matarás”. “Os bispos foram incitados a entrar em ação por Santo Agostinho; mas Agostinho, como observou Rousseau, tira seus argumentos do **Fédon** de Platão, não da Bíblia”.(Alvarez, 1999-pp.-64-65). Para o cristianismo o corpo era o portador da alma<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Esta concepção aparece como muita clareza também na *República* de Platão quando Sócrates trata da **teoria da reminiscência**. Os conceitos que usamos para dar compreensão ao mundo nada mais são que lembranças vagas que estão no mundo das idéias. O corpo, a matéria, pelas suas grosserias impedem os homens de ter acesso às idéias

imortal, e seu acerto de contas com a verdade divina dar-se-ia noutra mundo. O corpo carrega consigo esta preciosidade e então, pelo simples fato de ser o abrigo da alma (enquanto Deus determinar), qualquer atentado contra o corpo atinge também alma e deste modo atenta da mesma forma, contra a vontade de Deus.

O discurso católico contra o suicídio<sup>5</sup> parece espelhar, então, menos nobreza do que aparenta. Assim como não pode se pôr em dúvida os dogmas (sustentação de qualquer religião) do cristianismo – virgindade de Maria, Santíssima Trindade, existência de Deus, etc – vistos que são Verdades, também a Igreja cuidou de construir, a partir destas Verdades, argumentos “lógicos” que fossem aos poucos, consolidando duras e complexas teias de onde os crentes cristãos não escapam e não conseguem, sequer enxergar os fortes –porém dissimulados-- nós que as emendam.

O discurso católico contra o suicídio, como se vê, foi instaurado inteiramente no campo da convicção moral e nas ações intimidatórias e coercitivas. A Igreja impunha o medo ao espírito que iria encontrar seus algozes no além túmulo, mas também não exitou em violentar o corpo dos impuros aqui mesmo neste mundo de imperfeições, como se viu acima no caso de Menocchio e tantos outros. Tudo em nome de Deus. E do poder. Para utilizar uma expressão de Foucault, é isso que traz à luz uma arqueologia dos discursos, ou do saber.

Alvarez diz então que foi preciso esperar a instauração da ciência moderna para que a face –até então essencialmente de contornos morais-- acerca do suicídio ganhasse nova maquiagem e realçasse contornos da face desejados pelo novo maquiador.”O foco se deslocou do indivíduo para a sociedade, da moral para os problemas sociais. Socialmente, os ganhos foram enormes: as penas judiciais foram aos poucos abolidas, e as famílias de suicidas que atingiram seu intento não se viam mais deserdadas e infamadas pela suspeita de loucura hereditária, mas podiam enterrar seus mortos e chorar por eles como outra família de luto. Quanto ao suicida malsucedido(sic), ele não tinha mais de enfrentar nem a força nem a prisão, mas na pior das hipóteses, **um período de observação num hospital psiquiátrico**; na maior parte das vezes, não tinha de enfrentar nada mais doloroso do que a **sua própria e persistente depressão**” (Alvarez, 1999-pp.-83-84-negritos nossos).

---

puras (a Verdade) localizadas neste mundo. Apenas os filósofos com o instrumento da dialética é que teriam esta possibilidade. Portanto, somente eles ( após um longo processo pedagógico) estavam aptos a ter o domínio do exercício do poder político, isto é de governar a República ,de gerir vontades. É evidente a preocupação do filósofo grego com o **poder**.

Nesta passagem de sua obra, Alvarez aponta dois caminhos da maior importância para a compreensão não só sobre o discurso acerca do suicídio, como também localiza o suicídio no âmbito das mais “modernas” disciplinas científicas, a psicanálise e psiquiatria. No entanto, o autor parece negligenciar um de seus aspectos e dedicar mais atenção a outro. Importa lembrar que a referência *de modo tangencial* aos hospitais psiquiátricos —amplamente estudados por Foucault—merece um olhar menos distanciado pois o nascimento da psiquiatria coincide com o nascimento dos presídios. O louco—e ainda incompetente por não ter conseguido pôr fim à própria vida—passa a ter o mesmo tratamento do “delinqüente” e torna-se um *outsider* e assim deve ser contido, segregado e vigiado permanentemente.

Um pelo psiquiatra que, em muitos casos, lhe arranca parte de seu cérebro, com a prescrição da lobotomia. Assim, “na década de 1880 tornou-se claro que tumores do lobo frontal podiam produzir sintomas de vários tipos: por vezes inércia, hebetude, lentidão da atividade mental; por outras, uma evidente mudança de caráter e perda do autocontrole —ou ainda (...) uma ‘insanidade crônica’. A primeira operação de um tumor frontal foi realizada em 1884, e a primeira operação do lobo frontal por sintomas puramente psiquiátricos, em 1888.” (Sacks, 2000-p. 77-grifo nosso). O procedimento cirúrgico utilizado “consiste em apagá-los com um choque e, enquanto estão sob ‘anestesia’, enfiar um picão de quebrar gelo entre o globo ocular e a pálpebra através da abóboda da órbita, na realidade para dentro do lobo frontal do cérebro, e fazer um corte lateral, balançando a coisa de um lado para outro. Passei dois pacientes na faca em ambos os lados e um terceiro de um lado só sem quaisquer complicações, à exceção de um olho muito pisado num dos casos. Podem até surgir problemas posteriores, mas que são bem tranqüilos, embora definitivamente desagradáveis de olhar”. (Freeman, c.f.- Sacks-2000, p. 78)

No outro caso emprega-se o uso de forças de seguranças após sentença do magistrado que construiu uma verdade, muitas vezes com a “colaboração técnica” essencial de psicólogos, assistentes sociais, legistas, psiquiatras forenses, enfim da criminologia. “Por trás do infrator a quem o inquérito dos fatos pode atribuir a responsabilidade de um delito, revela-se o caráter delinqüente cuja lenta formação transparece na investigação biográfica. A introdução do ‘biográfico’ é importante na história da penalidade. Porque ele faz existir o ‘criminoso’ antes do crime e, num raciocínio-limite, fora deste. E porque a partir daí uma causalidade psicológica vai, acompanhando a determinação jurídica da responsabilidade, confundir-lhe os efeitos. Entramos então no dédalo ‘criminológico’ de que estamos bem longe de ter saído hoje em dia: qualquer causa que, como determinação, só pode diminuir a responsabilidade, marca o autor da infração

---

<sup>5</sup> É certo que existem outros discursos “lógicos” da Igreja para dar sustentação ainda maior à sua Verdade, como o aborto, união estável de pessoas de mesmo sexo, eutanásia, etc mas não os discutiremos neste trabalho por fugir de nosso objetivo.



com uma criminalidade ainda mais temível e que exige medidas penitenciárias ainda mais estritas. **À medida que a biografia do criminoso acompanha na prática penal a análise das circunstâncias, quando se trata de medir o crime, vemos os discursos penal e psiquiátrico confundirem suas fronteiras; e aí, em seu ponto de junção, forma-se aquela noção de indivíduo ‘perigoso’** que permite estabelecer uma rede de causalidade na escala de uma biografia inteira e estabelecer um veredicto de punição-correção”(Foucault-1999,p.211-negritos nossos). Foucault põe, no centro da discussão, o discurso que se vai organizando para justificar o encarceramento do delinqüente –definido pela verdade criminológica—e a segregação e mutilação do louco –definido pela verdade da psiquiatria. Mais uma o exercício da violência e do poder estão em marcha.

O segundo aspecto posto à reflexão por Alvarez introduz uma das maneiras mais recentes: de tratar o suicídio à **depressão**, associada obviamente, também, aos dilemas do mundo que emerge com a industrialização, a urbanização, a lógica do individualismo, da acumulação de riquezas e do aprofundamento das desigualdades sociais. Sem exageros, este mesmo mundo que –lembrando aqui de Rousseau e Lévi-Strauss –apartou definitivamente o Homem da Natureza. Voltar-se-á a esta questão mais a frente..

Como crítico literário, Alvarez dedica uma longa e importante análise para o discurso que se construiu em torno do suicídio supostamente por depressão –evocando claramente a psicanálise-- em intelectuais, sobretudo no campo da produção poética, também supostamente inquietos com as contradições e pressões da modernidade. Veremos, entretanto, que este ainda está em voga, mas já existe outro discurso do suicídio já emergente e dissimulado, mas já captado por alguns autores.

O autor estuda muitas ocorrências de suicídios de intelectuais, mas, aqui, apenas um será suficiente para se perceber a organização do discurso que se apóia na explicação da patologia do século XX: a depressão. Ver-se-á que o autor aponta uma explicação, no mínimo interessante para quem estuda as metamorfoses do discurso. Um dos “casos”<sup>6</sup> mais emblemáticos do estudo é o da poetisa Sylvia Plath que põe fim a própria vida após três tentativas no auge de sua produção literária, embora ainda muito jovem e mãe de dois filhos.”Na véspera de natal, em 1962, Sylvia me telefonou: ela e as crianças finalmente instaladas no apartamento novo; será que eu não

<sup>6</sup> Foucault, em *Vigiar e punir*, já citado, lembra que a psiquiatria e a criminologia transformou situações concretas de sofrimentos humanos em **casos**. Mas a inveja fez com que outras disciplinas científicas passassem a incorporar o conceito. Medicina, Psicologia, Antropologia, Sociologia, etc promovem sérios encontros para discussão de casos. Há mesmo dissertações, teses que trazem estampados nas capas os títulos principais quase indecifráveis e logo após os dois pontos, “**um estudo de caso**”. A propósito sugere-se uma visita ao livro da jovem psicóloga norte-americana

gostaria de dar uma passada para ver a casa, jantar e ouvir alguns dos novos poemas? (...) Sylvia arrumara o apartamento de um jeito intencionalmente despojado: tapete de palha no chão, alguns livros, objetos vitorianos e enfeites de vidro azul fosco nas prateleiras, duas pequenas xilogravuras de Leon Baskin. Era bonito, a seu modo singelo e desguarnecido, mas frio, muito frio, e os retalhos franzinos de decoração natalina deixavam-no com um ar ainda mais abandonado, cada um deles parecendo repetir que ela e as crianças passariam o Natal sozinhas. Para os infelizes, o Natal é sempre uma época difícil: a terrível falsa alegria que nos atinge por todos os lados, urrando vivas à boa vontade, à paz e à diversão familiar, **torna a solidão e a depressão particularmente insuportáveis**. Eu nunca tinha visto Sylvia tão tensa.”(Alvarez-1999-p. 43 , negritos nossos). Alvarez, ao descrever os últimos momentos de Sylvia não deixa esconder o ambiente de dor e sofrimento íntimos de sua amiga. Um caso típico de tratamento no divã de um psicanalista.”Por volta das seis da manhã, Sylvia foi até o quarto das crianças e deixou um prato de pão com manteiga e duas canecas de leite, para o caso de elas acordarem com fome antes que a moça australiana [sua empregada doméstica recém-contratada] chegasse. Em seguida voltou para a cozinha, vedou a porta e a janela com toalhas o melhor que pôde, abriu o forno, deitou a cabeça dentro dele e ligou o gás”.( Alvarez-1999-pp. 48-49).

A hipótese de explicação do suicídio da poetisa é construída, pelo autor, inteiramente, no campo da psicanálise.”Por que, então, Sylvia se matou? Acredito que seu suicídio tenha sido um pedido, em parte, ‘um pedido de socorro’ que saiu pela culatra, com conseqüências fatais. Mas também uma última tentativa desesperada de exorcizar a morte que tanto evocara em seus poemas. (...) A força de sua poesia devia-se em parte à maneira corajosa como teimava em seguir o fio de sua inspiração até a toca do Minotauro. E essa coragem psíquica tinha seu paralelo em sua petulância física e imprudência. Freud escreveu: ‘A vida perde interesse quando a ficha mais alta no jogo da vida, a própria vida, não pode ser posta em risco’. No final, Sylvia decidiu correr esse risco. Jogou pela última vez, tendo calculado que a sorte estaria a seu favor, mas talvez, em sua depressão, sem importar-se muito com o fato de vir a ganhar ou perder. Seus cálculos estavam errados, e ela perdeu.”(Alvarez-pp.50-51- negritos nossos)

Como se disse acima, o século XX, engendra um modo muito especial de vida. O mundo nunca “andou” tão depressa. Nunca, em toda história da humanidade, as relações de produção e as relações sociais foram tão alteradas como nos últimos cem anos. Para Alvarez, aí pode estar a motivação de tantos suicídios de intelectuais e artistas que não resistiram à velocidade, contradições impostas pela sociedade contemporânea. As baixas entre os artistas e intelectuais nunca foram tão acentuadas. ”Virgínia Woolf se afogou, vítima de sua própria sensibilidade

excessiva(...)Hart Crane(...)sentindo-se um fracasso, atirou-se ao mar de um navio, no Caribe.Dylan Thomas e Brendan Behan mataram-se de tanto beber(...)Delmore Schwartz foi encontrado morto num hotel decadente de Manhattan Malcolm Lowry e John Berryman foram que acabaram se suicidando. Cesare Pavese,Paul Celan, Randall Jarrell, Sylvia Plath, Maiakóvisk,Iessiênein eTsvetayeva se mataram.Entre os pintores, os suicídios incluem Modigliani, Arshile Gorki, Mark Gertler, Jackson Pollock e MarK Rothko (...) Atravessando gerações, havia Hemingway, cujas prosa se modelou segundo uma espécie de ética física da coragem e do controle necessário nos momentos em que se atinge da resistência(...)No fim, Hemingway acabou seguindo o exemplo do pai e se matou com um tiro.”(Alvarez- 1999-p.232).

Como se disse acima, o autor descreverá a sua explicação para tantas baixas entre intelectuais e artistas: “(...) A de baixas entre os talentosos parece fora de qualquer proporção, como se a natureza do próprio empreendimento artístico e suas exigências tivessem se alterado radicalmente. Existem, eu creio, algumas razões para isso. A primeira é a contínua e inquieta ânsia de experimentar, a necessidade constante de mudar, de inovar, de destruir es estilos aceitos.’**Se funciona’, diz Marshall Macluhan, ‘é obsoleto’** (Alvarez- p. 233-negritos nossos)

O que se esconde neste discurso é, como já se disse, as profundas transformações que acompanharam o “breve século XX”, para usar a expressão do historiador inglês Eric Hobsbawm (1997). O historiador, atento às rápidas mudanças introduzidas na organização da produção econômica percebeu e refletiu não só as suas repercussões no campo político, no jogo de forças das grandes potências que redesenharam o mapa do globo terrestre, mas também percebeu que essas profundas alterações alcançaram, como nunca havia acontecido a representação do mundo feita pelos artistas. Assim, escreve Hobsbawm: “É prática dos historiadores –incluindo este— tratar os fatos das artes mais óbvias e profundas que sejam suas raízes na sociedade, como de algum modo separáveis de seu contexto contemporâneo, como um ramo ou tipo de atividade humana sujeito às suas próprias regras, e capaz de ser julgado como tal. Contudo, na era das mais extraordinárias transformações da vida humana até hoje registradas, mesmo esse antigo e conveniente princípio de estruturar um estudo histórico se torna cada vez mais irreal. Não apenas porque as fronteiras entre o que é e o que não é classificável como ‘arte’, ‘criação’ ou artifício se tornaram cada vez mais difusas, ou mesmo desapareceram completamente, ou porque uma escola influente de críticos literários no *fin-de-siècle* julgou impossível, irrelevante e não democrático decidir se *Macbeth*, de Shakespeare, é melhor ou pior que *Batman*, mas também por que as forças que determinavam o que acontecia com as artes, ou o que observadores anacrônicos teriam chamado por esse nome, eram esmagadoramente exógenas.Como seria de esperar numa era de extraordinária revolução tecnocientífica, eram predominantemente tecnológicas.”(Hobsbawm - 1996 –p-483-grifos nossos)”.

É neste ambiente de “brevidades”, de transformações e sobreposições muito rápidas de estruturas que se instalou o ambiente da solidão, mas também da aflição de querer acompanhar as mudanças. O século XX, mais parecido a um *vídeo clip*, trouxe consigo o medo e angústia que foram captados muitas mentes sensíveis por que de posse, e talvez como níveis de consciências apropriadas para entender que a humanidade tinha tomado um caminho perigoso e que a morte a espreitava. Talvez muitos quiseram abreviar a fatalidade por conta própria, outros resistiram e, certamente, a grande maioria, não tomou conhecimento no decorrer desse breve tempo por que estavam o tempo todo a lutar pelo “pão de cada dia” e não puderam parar para devaneios. Apenas seguiram em frente imaginando como seria o “admirável mundo novo”. Deste modo, o século da tecnologia, da ansiedade, da depressão, pôs à disposição o *Prozac*, mas não evitou, desde o início, o ambiente de velório.

Kierkegaard, que morreu no apagar das luzes do século XIX (1855) e que, sem dúvida, antecipa os fundamentos do existencialismo notou com singular profundidade o sentimento que iria predominar no século XX. A seguir uma dessas anotações do filósofo: *“Ouço o choro do recém-nascido no momento em que vem à luz -assista às agonias da morte no momento final- e então diga se o que começa e termina dessa forma pode estar destinado ao prazer.*

*É bem verdade que nós seres humanos fazemos tudo da forma mais rápida possível para nos afastarmos desses dois pontos, corremos o mais rápido possível para esquecer o choro do nascimento e transformá-lo na alegria de ter dado a vida a um ser. E quando alguém morre nós imediatamente dizemos: em paz ele se foi, a morte é um sono, um sono tranquilo—algo que dizemos não pelo bem daquele que morreu, pois as nossas palavras em nada podem ajudá-lo, mas pelo nosso próprio bem, para que não percamos o entusiasmo pela vida, para alterarmos tudo com vistas a um aumento do entusiasmo pela vida durante o intervalo entre o choro do nascimento e gemido da morte, entre o berro da mãe e a repetição do mesmo berro pelo filho, quando este vem a morrer.*

*Imagine um belo e esplêndido salão onde tudo é feito para gerar alegria e diversão – mas na entrada para esse lugar é uma escada asquerosa, enlameada, horrível, pela qual é impossível passar sem que se fique repulsivamente sujo, e o preço que se tem de pagar para entrar é a **prostituição**, e quando o dia amanhece **a diversão termina e tudo acaba com você sendo chutado para o lado de fora novamente** –mas ao longo de toda a noite tudo foi feito para manter e inflamar a diversão e o prazer ‘*

O que a reflexão? É simplesmente refletir sobre estas duas perguntas: como foi que eu me meti nisso e como é que eu faço para sair dessa novamente, como é que isso termina? O que é a

*irreflexão? É conjuminar tudo de modo a afogar no esquecimento tudo o que diz respeito à entrada e à saída, é conjuminar tudo para reexplicar e atenuar a entrada e a saída, perdendo-se simplesmente no intervalo entre o grito do nascimento e a repetição desse grito quando aquele que nasce enfim se extingue nas agonias da morte* “(Kierkagaard, c.f- Alvarez-1999-pp.126-127-negritos nossos)

Este tipo de pensamento, de discurso iria constituir, como já se disse, em um dos pilares do pensamento existencialista de Heidegger e Sartre. E iria também ser o ponto de distanciamento em entre o filósofo francês (e toda uma geração de pensadores, já na metade do século XX) com o marxismo ortodoxo. Sartre reclama e chama muita atenção da ausência da preocupação com o indivíduo na análise marxista. Uma espécie de lamento toma conta do discurso existencialista na França e avança por toda a Europa e atinge com força a academia brasileira. Mas também foi muito censurado pela ortodoxia e os crentes na utopia do comunismo ou ainda no modelo prepotente instaurado pelos bolcheviques e transformado em tirania por Stálin. Muitos deles ainda estão a esperar pela “inevitável” falência do capitalismo e assumir o poder.

O fato é que a pressão da força e da velocidade das mudanças do breve século XX levou para o túmulo, no modelo do suicídio, muitos intelectuais e artistas. Não resistiram à depressão e não houve psicanalista que os fizesse entender que o drama da vida não era uma questão do indivíduo, mas um drama macro histórico inaugurado por volta do século XVI, aprofundado suas raízes no século XVIII e XIX (como são chamadas a primeira e a segunda revoluções industriais, respectivamente) e florido e frutificado no século XX. É preciso entender que trata-se de um processo só. Como diz Marshall Berman em *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, publicado no Brasil pela Editora Companhia das Letras de São Paulo, **é a aventura da modernidade**. Não há **pós-modernidade** e sim desdobramentos de um mesmo modelo de produção econômica e de organização social e política que tem como lógica intrínseca a acumulação de riquezas e exclusão social. Aliás, os autores que trabalham com esta “expressão” precisam, primeiro transformá-la em conceito para que se possa ser utilizado como ferramenta de entendimento da realidade contemporânea.

Assim, é preciso insistir que o discurso acerca do suicídio centrado no indivíduo está repleto de injunções ideológicas, para usar aqui, uma expressão marxista. Ideológicas pois o individualismo liberal atribui o sucesso e a capacidade de resoluções de problemas, muitas vezes criados essencialmente na esfera do coletivo, ao próprio indivíduo. Até muito pouco tempo era legal a prisão por vadiagem. Ora, como eliminar a “vadiagem” numa sociedade em que o desemprego faz parte da lógica do sistema econômico e é, portanto, estrutural? Como evitar os traumas da infância (e as patologias do adulto, nos termos de Freud) se a violência é elemento

“organizador” nas periferias dos grandes centros urbanos do mundo? Como evitar o *stress* de adultos, jovens e crianças se todos os dias as imagens da destruição da Natureza são cravadas em suas mentes? Como será possível a fuga da morte de nós mesmos se a morte de quem nos sustenta anda a passos largos?

Talvez os inúmeros suicídios atribuídos, pelos próprios suicidas, como fracassos pessoais no século XX, tenha sido outra armadilha do discurso hegemônico da sociedade liberal.

Entretanto, as últimas décadas do século XX, trouxe um outro fantasma que passou a assustar, agora não só o “indivíduo deprimido” por que fracassado em sua trajetória. O medo do fracasso passou agora, a ser coletivo e, assim, corre-se o risco de suicídios coletivos também. Há uma sensação de fracasso em muitas sociedades e há, ao que se percebe, sinais de uma “depressão coletiva”.

O fenômeno, como se sabe, não é novo. Grupos tribais inteiros já promoveram suicídios diante da constatação de fracasso. É o que constata, por exemplo, Pierre Clastres (1990) ao analisar o nascimento do “Estado” (ou ainda a formação de uma estrutura de poder) entre grupos tribais da América, particularmente, os *tupi-guarani*. A hipótese do autor é que, pouco antes dos europeus chegarem nos trópicos a sociedade guarani estava em franca expansão, tanto do ponto de vista técnico-- estavam entrando no neolítico com a prática da agricultura, sedentarismo, etc-- quanto do ponto de vista demográfico. Deste modo, Clastres, discordando da hipótese marxista para o surgimento do poder, isto é, a da apropriação do excedente econômico gerado socialmente, por um pequeno grupo, aponta o crescimento demográfico como o elemento central para a organização de uma estrutura política de poder e a desorganização da sociedade comunitária.<sup>7</sup> Supõe-se que o crescimento do grupo, o avanço sobre grupos tribais menores, forçou a organização do poder para gerir as vontades particulares de uma multidão.

Como os poetas e artistas civilizados, surgiram, então os profetas que passaram a denunciar o novo “projeto” de sociedade nascente. As denúncias eram traduzidas na condução de levadas para uma suposta “terra sem mal”. Um local onde poder-se-ia viver sem o mal nascente, o poder político.<sup>8</sup> “De um lado os chefes; do outro, e contra eles, os profetas: tal é, traçado segundo suas linhas essenciais, o quadro da sociedade tupi-guarani no final do século XV. E a ‘máquina’ profética funcionava perfeitamente bem, uma vez que os *Karai* [profetas] eram capazes de se

<sup>7</sup> O tema é polêmico na *Ciência Política* e não discutiremos a hipótese marxista ou de Clastres para a origem do Estado pois foge aos nossos objetivos neste trabalho.

<sup>8</sup> Ver a este respeito o livro de Hélène Clastres –*Terra Sem mal-o profetismo tupi-guarani*, publicado, no Brasil, pela Editora Brasiliense, em 1978. O livro trata especificamente do profetismo e do poder do discurso do profeta.

fazer seguir por massas surpreendentes de índios fanatizados, diríamos hoje, pela palavra desses homens, a ponto de acompanhá-los até a morte”(Clastres-1990-p.151)

Outro exemplo de disposição para o suicídio coletivo –agora em plena “civilização”-é o do Japão, país que desde o século XIX tomou um caminho da disposição para o desenvolvimento tecnológico nos moldes ocidentais, numa combinação com um certo *ethos* (nos termos de Max Weber) , cujo elemento central é a disciplina para o trabalho.”Não pode haver dúvidas de que a transformação econômica do Japão depois de 1945 ofereceu o exemplo mais espetacular de modernização constante naquelas décadas, ultrapassando quase todos os países ‘adiantados’ existentes, como competidor comercial e tecnológico, e constituindo-se num modelo para a emulação por outros ‘estados comerciantes’ da Ásia (...) É claro que o ‘milagre japonês’ foi produto de muitas outras coisas além do estímulo dos gastos americanos com a Guerra da Coréia, e também do Vietnã, e a tentativa de explicar exatamente como o país se transformou, e como outros podem imitar, passou a ser uma pequena indústria do próprio crescimento. Uma das principais razões foi a sua crença quase fanática em alcançar os mais altos níveis de controle de qualidade, **tomando emprestado (e aperfeiçoando) técnicas sofisticadas de administração e métodos de produção do Ocidente.**Beneficiou-se com o empenho nacional em vigorosos padrões de alto nível de educação universal, e com a disponibilidade de um grande número de engenheiros, de entendidos em eletrônica e automóveis, e de oficinas pequenas, mas empreendedoras, bem como as gigantescas *zaibatsu*.Havia um *ethos* social em favor do **trabalho árduo**, fidelidade à empresa e a necessidade de conciliar as relações entre a administração e os trabalhadores por meio de uma mistura de concessões e deferência “(Kennedy –1989 – 397-negritos nossos).

A “ocidentalização” precoce do Japão (em relação aos demais países do extremo Oriente) tem sido noticiada e o conseqüente sucesso econômico têm sido objeto de ampla divulgação e, a bem da verdade, não é uma novidade. No entanto, todo esse processo tem levado a sociedade japonesa a pagar um preço, que começa a ser noticiado e até mesmo denunciado. O rigor e a exigência de sucessos pessoal e da “nação” gera, como se sabe, uma cultura da competição, sobretudo entre os jovens, que pode ser traduzido em pura crueldade. O “fracasso” é imperdoável pela sociedade que responsabiliza diretamente o indivíduo, o que tem levado à depressão (como se viu acima com os artistas) e à decisão de buscar à organização de uma espécie de elo de solidariedade da dor e de, finalmente, de uma solidariedade coletiva para pôr fim à vida, também chamado de “pacto de morte”. “Um fenômeno assustador está em curso no Japão: os pactos de suicídio coletivo firmados por meio da Internet. Pelo computador, seus protagonistas agendam o dia, a hora e o local onde vão se encontrar para suicidar-se em grupo—utilizando também uma forma previamente combinada(...)São principalmente jovens entre 20 e 40 anos, que,

aparentemente sem coragem suficientes para tirar a própria vida sozinhos, recorrem a salas de bate-papo virtual para encontrar pessoas que compartilham do mesmo objetivo ou que podem ser facilmente convencidos de que o suicídio é a única forma de aliviar o sofrimento por que passam”(Revista Veja-22/02/2006 – p.88) O fenômeno lembra os jovens soldados adestrados para defender a nação japonesa que jogavam-se, junto com suas aeronaves, contra alvos inimigos. Entretanto, a guerra agora é econômica e o país vence se cada um dos indivíduos vencerem. Não há espaços para os “fracassados”.O discurso hegemônico do sucesso mais uma vez armou a sua armadilha.

É de se notar, não obstante, que o discurso do sucesso, do crescimento econômico e da acumulação de riquezas vem dando sinais de exaustão e já está tratando de buscar outra roupagem e buscando novos produtos para esconder as antigas marcas da velha face. O discurso do crescimento econômico a qualquer preço já tem seus alçózes há algum tempo. Percebeu-se que as economias não podem crescer *ad infinitum* pelo simples fato que a própria Natureza tem seus limites.”Uma das características predominantes das economias de hoje, tanto a capitalista quanto a comunista, é a obsessão com o crescimento. O crescimento econômico e tecnológico é considerado essencial por virtualmente todos os economistas e políticos, embora nesta altura dos acontecimentos já devesse estar\_bastante claro que a expansão ilimitada num meio ambiente finito só pode levar ao desastre. A crença na necessidade de crescimento contínuo é uma consequência da excessiva ênfase dada ao valores *yang* –expansão, auto-afirmação, competição – e está relacionada com as noções newtonianas de espaço e tempo absolutos e infinitos. É um reflexo do pensamento linear, da crença errônea em que, se algo é bom para um indivíduo ou grupo, quanto mais desse algo houver melhor será.”(Capra-1986 – pp.204 -205- itálicos no original).

Além disso, há os riscos inerentes às tecnologias que põem a roda da economia contemporânea a girar. O pânico se instalou diante do medo de uma possível morte da própria espécie humana; o *homo sapiens*, para alguns, parece ter optado pelo suicídio como um **destino compartilhado**, para usar a expressão de Lifton ( Lifton–1989-p.195) “Se você morrer, eu morro, ‘Se eu sobreviver, você sobrevive(...) Pode-se então falar do surgimento de uma *identidade da espécie*, de um conceito de identidade inseparável de todas as outras identidades humanas, pois compartilha com elas das questões definitivas de vida e morte. Esta ampliação e aprofundamento de uma sensação mais abrangente de identidade humana é uma das fontes essenciais de nossa esperança” (Lifton- pp. 195 –196-itálico no original)

Esse cheiro de morte, de uma auto-destruição da espécie gera sentimento de arrependimentos e de quase pedido de desculpas a nós mesmos por não sabermos que o fazíamos



até agora. O discurso é comovente embora cínico. Cínico por que esconde a armadilha do modelo de sociedade que o Homem gestou e onde poucos usufruíram suas *delícias de ser o que é*. Não se prestou atenção no que Marx escreveu: o modo de produção capitalista é contraditório e se auto destruirá. Na verdade, parece que o próprio Marx percebeu a contradição do modelo econômico e suas repercussões apenas no campo da política. Excludente, *por natureza*, o capitalismo iria gerar e concentrar forças políticas nos trabalhadores, com a ajuda dos “iluminados” da organização partidária e iria pôr fim a toda injustiça humana instaurada pela burguesia e instalar a igualdade entre os homens de boa vontade. Não se pode esquecer que Marx vem da mais pura tradição humanista. Grande pensador--decisivo mesmo para se entender o mundo moderno e contemporâneo--, Marx não estava errado ao constatar essa “lógica contraditória” do sistema. Ocorre que a história lhe pregou uma peça e os excluídos não tiveram condições de ouvir o que disse e, portanto, não puderam agir a tempo.

O pensador alemão—um defensor também do desenvolvimento das forças produtivas, próprio de seu tempo – talvez tenha imaginado que a contradição principal do sistema não estava lá na organização política da classe trabalhadora que o poria abaixo, mas nos limites do crescimento econômico imposto pelo esgotamento dos recursos naturais. Como dar o mesmo padrão de consumo aos mais de 6 bilhões de homens e mulheres do século XXI. Parece certo que o *homo sapiens* foi longe demais e certo também parece a não reconciliação com a Natureza. Há muito ela tem sido posta como nossa inimiga e como tal nos distanciamos dela. Não há sinais de volta por que a lógica da destruição – inerente ao capitalismo – está mais robusta que nunca. Ainda, lembrando aqui o doutor Pangloss, de Voltaire, como se vive *no melhor dos mundos possíveis*. Há ingenuidades **vagando perigosamente** ainda nos melhores meios acadêmicos “O objetivo é esboçar uma análise **social ecologista** que ofereça uma perspectiva sobre as questões dos verdes, que seja radical, socialmente justa, favorável para o ambiente – mas profundamente antropocêntrica”(Pepper –2000-pp.13-14). É de se crer ainda que há, neste discurso, uma pitada de cinismo, pois como pode uma estratégia política (a dos verdes) ser ao mesmo tempo favorável ao meio ambiente e antropocêntrica? De pronto, há aí uma contradição visto que o deslocamento do Homem na Natureza instaurou a soberba daquele sobre esta e abriu caminho para toda sorte de sua subjugação e destruição.

Mas há, como disse, um **novo discurso** rondando as mentes de homens e mulheres de boa vontade. Nova cilada. Cilada visto que não mostra a sua vontade de poder e de sobrevida ao modo de produção do capital e escondendo a morte da espécie que nos espera lá na frente. Há

algumas décadas está a nos espreitar um certo discurso, uma espécie de remorso cínico, que põe no centro do argumento o conceito de **desenvolvimento sustentável**.<sup>9</sup>

Há um leque de forças que se uniram nos últimos tempos para propor um pacto de sobrevivência com a Natureza. O curioso é que em outros tempos essa tal união era impensável. Empresas tornaram-se prudentes e passaram a ter consciência ecológica e mais que isso, passaram também a ser “socialmente responsável”. Os movimentos ecológicos deram os braços ao **“capital do bem”** contra o capital –ainda resistente—do mal. Imensos investimentos públicos têm sido destinados aos centros de pesquisas, universidades e ONGs para projetos na linha da sustentabilidade. O discurso é apropriado aos tempos de uma auto destruição, de um suicídio definitivo. Mas Marx e tantos outros estavam bem intencionados e, no entanto, o socialismo trouxe ao mundo tiranias, violências e desterros.

Mas mesmo assim ainda há insistências por todo os cantos: ”Muitos (...) verdes exprimiram, contudo o seu desalento com os pobres resultados da Cimeira [da Terra de 1992]. Isso deve querer dizer que, de alguma maneira, esperavam que as nações mais ricas do mundo sacrificassem uma parte substancial de suas riquezas e, mais importante ainda, os meios de obtê-las, para ajudar as nações mais pobres na proteção dos ambientes que agora se vêem obrigados a destruir para sobreviverem e se desenvolverem no sistema econômico mundial. Deveríamos, no entanto, entender que sendo nações capitalistas, os EUA, CEE, o Japão e outras iguais **não o podem** fazer de uma maneira séria e permanente sem deixar de ser o que são. A análise marxista revela porque razão isto é assim, e sugere igualmente a melhor maneira de pensar numa mudança no sentido de alternativas radicais de ordenamentos econômicos e sociais, do tipo que requer o conceito de um ‘desenvolvimento sustentável’ verdadeiramente comum (al) ista” (Pepper,-2000-p-13-negrito no original)

O que importa afirmar é que certamente o discurso da sustentabilidade se mostra frágil—mas bonito -- como um bebê que acaba de nascer. Não houve desde o século XVI, período de gestação do capitalismo, nenhuma alteração de rumos em sua lógica intrínseca: destruir para construir. Se pudéssemos falar em índole do sistema está seria a sua. Marx e outros pensadores atentos perceberam esta lógica com muita clareza. Para desmontar a armadilha do discurso do desenvolvimento sustentável, basta ler com atenção a obra de Marx. Por outras palavras, não se

---

<sup>9</sup> Para uma breve referência acerca da origem do conceito ver o texto de Berta K.Becker – “A (des)ordem global, o desenvolvimento sustentável e a Amazônia” p. 47 in Becker e outros (2002).

Para uma discussão mais detalhada do conceito (**sustainable development**) a partir do Relatório de 1987 da *Comissão Mundial de Sobre Meio Ambiente e o Desenvolvimento*, da ONU, criada em 1983 e presidida por Brundtland, ver o trabalho de Olivier Godard –“O desenvolvimento sustentável: paisagem intelectual” in Castro e Pinton (1997). O relatório, como de *praxe* no meio diplomático, leva o nome da presidenta da Comissão.

pode preservar se a lógica é a destruição.<sup>10</sup> Basta olhar mais de perto as últimas zonas de fronteiras que ainda restam no mundo. Não há forças capazes de se oporem à aventura histórica criada por nós mesmos.

Finalmente aos homens de boa fé e impregnados de remorsos – ainda que inconscientes – é necessário lembrar que não fomos capazes de pensar a tempo que a morte não estava tão longe. Pobres e ricos, culpados e não culpados, bem intencionados e mal intencionados ingênuos e espertos estamos todos irmanados no grande suicídio. Caímos na cilada mais uma vez, só que agora, fatal por que a última.

---

<sup>10</sup> Lembramos aqui, que Lévi-Strauss entende que o divórcio e a destruição do mundo natural se deu muito antes do nascimento do capitalismo. Estamos condenados desde que organizamos a cultura e para isso artificializamos a Natureza. Ver, a propósito, o instigante artigo do antropólogo “*A lição de sabedoria das vacas loucas*” in *Revista Novos Estudos CEBRAP*, novembro de 2004

## Bibliografia

- ALVAREZ, A. - *O Deus Selvagem – um estudo do suicídio*, São Paulo:Ed. Companhia da Letras, 1999.
- ARANHA, M.L.A . e Martins, M.H.P. – *Filosofando-introdução à filosofia. 2 ed.*..São Paulo:1997
- BECKER, B.K. (e outros)- *Geografia e meio ambiente no Brasil 3d.*, São Paulo:Ed. HUCITEC, 2002
- BOBBIO, N. – *A teoria das formas de governo 10. ed.* Distrito Federal: Ed. Unb, 1997.
- BORDIEU, P . e Saint-Martin, M. – “As categorias do juízo professoral” *in* Nogueira, M. A. e Catani, A. *Escritos de educação 2 ed.* Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.
- CAPRA,F. – *O ponto de mutação-a ciciência , a sociedade e a cultura emergente.*São Paulo:Ed. Cultrix, 1986.
- CASTRO, E. e PINTON, F. – *Faces do trópico úmido – conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio ambiente*, Belém:Ed.Cejup, UFPA/NAEA, 1997.
- CLASTRES,H. – *Terra sem mal-o profetismo tupi-guarani.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1978.
- CLASTRES,P. – *A sociedade contra o estado - pesquisas de antropologia política.5ª ed.*, Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1990.
- ESPANCA, F. - *Sonetos.* São Paulo: Martins Claret, 2004.
- FOUCAULT , M. *A ordem do discurso. 2 ed.*, São Paulo: Edições Loyola,1996.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões* 19. ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1999.
- FOUCAULT.M. – *História da loucura na idade clássica. 7 ed.*- São Paulo:Ed. Perspectiva S.A., 2003.
- KENNEDY,P. – *Ascensão e queda das grandes potências – transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000.15 ed.* Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989
- Lévi-Strauss – C- “As lições de sabedoria das vacas loucas” *in* REVISTA NOVOS ESTUDOS CEBRAP,São Paulo: CEBRAP, nº 70, novembro de 2004 pp. 79-84
- LIFITON, R.J. – *O futuro da imortalidade – ensaios para uma era nuclear*, São Paulo, 1989.
- GINZBURG,C.-*O queijo e os vermos - o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.12ª reimpressão.*São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2000.

HOBBSAWM, E. – *Era dos Extremos - o breve século XX –1914-1991*. 2 edição, 3ª reimpressão, São Paulo:Ed. Companhia das Letras, 1996.

MACPHERSON, C.B. – *A teoria política do individualismo possessivo – de Hobbes a Locke*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

PEPPER,D.- *Socialismo ecológico – da ecologia profunda à justiça social*, Lisboa:Instituto Piaget, 2000.

ROUANET, S. P. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, , 1997.

*REVISTA VEJA* – São Paulo, Edição 1944, ano 39 nº 7, 22/02/2006.

SACKS, O.- *Um antropólogo em marte-sete histórias paradoxais*,5ª Reimpressão, São Paulo:Ed. Companhia das Letras, 2000.

SLATER,L. – *Bem-vindo a meu país - viagem de uma terapeuta pelo cotidiano da loucura*, Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.